

## « HARD TIMES » DE CHARLES DICKENS — O ROMANCE POSSÍVEL (0)

por Victor Manuel da Fonseca Cabral

Se de «Hard Times» de Charles Dickens disse F. R. Leavis ser uma obra-prima e John Ruskin a maior obra daquele romancista, já Louis Cazamian a qualificou de trabalho imperfeito, Richard Simpson de melodrama aborrecido e Macaulay não hesitou mesmo em rotulá-la de panfleto de um socialismo degradante. Na nossa opinião, apenas o facto de se ter pretendido ver no romance em causa mais do que aquilo que ele poderia ter sido, justifica tais afirmações. Porque, por um lado, publicado em 1854, «Hard Times» pressupõe dados que não podem ser confrontados quer com uma «Sybil» de Disraeli de 45, quer com uma «Mary Barton» de Elizabeth Gaskell de 48; por outro, a um idealista como Dickens não se poderá exigir ter sido outro que não ele próprio.

Surgido três anos após a «Great Exhibition», fronteira entre uma reacção desorganizada e violenta ao individualismo e uma outra bem mais calma e intelectualizada, «Hard Times» afasta-se já consideravelmente da Revolução Industrial propriamente dita, do seu espírito, pelo menos. O facto é que se a década de 40 marcou o advento do «romance industrial» em Inglaterra, com todo um retratar (mais ou menos crítico) das consequências que uma era de progresso e riqueza económica para alguns, acarretava para muitos mais, não é menos verdade que na década seguinte, os mais sérios abusos do sistema nascente tinham sido já aparentemente remediados por legislação de maior ou menor alcance, como o foram os Factory Acts de 1844, 47, 50 e 53. Por outro lado, a organização dos operários em sindicatos de força já respeitável, conduzia cada vez mais a vitórias no plano laboral, caso de Preston em 53/4 e que Dickens conheceu «in loco». Assim, as alterações para melhor, pelo menos aparentemente, das condições de trabalho e de vida, ajudam a compreender que um romance como «Hard Times» se não tenha prendido tanto a este ou àquele abuso em particular, mas se tenha desviado para uma crítica à filosofia ou filosofias que ainda regiam os sistemas de pensamento da altura, e que tinham estado na base de todo o desenvolvimento industrial em Inglaterra.

No que toca ao próprio escritor, o seu modo de encarar a realidade, a sua filosofia de Natal a fazer fé numa harmonia de classes nascida de um maior sentido de justiça, o seu ver uma simples questão moral no fundo das querelas sociais, em suma, o seu idealismo não pactuante com a luta revolucionária, será também justificativo para o que é o «Hard Times».

Mas então o que é o «Hard Times»? A nosso ver, apenas uma alegoria crítica às doutrinas individualista e utilitarista, elaborada com uma cidade industrial por pano de fundo e moldada pelos requisitos de uma audiência tipicamente vitoriana.

No entanto pensamos que até se chegar ao «Hard Times» propriamente dito, algo mais deverá suportar a breve análise daquilo que como romance ele se nos apresenta. Sem pretendermos historiar seja o que for, cremos dever referir o movimento idealista de que Charles Dickens é legítimo representante, e o que ele combatia.

Assim, e até porque referenciados no próprio romance, os nomes de Adam Smith e Thomas Malthus são de recordar como os apontadores das regras de economia política que esteve na base do desenvolvimento industrial e económico do período. Retenhamos de Adam Smith e da sua «Wealth of Nations» de 1776, a política individualista do «laissez-faire» e a instituição do preço natural (aquele que fosse o suficiente para sustentar um trabalhador e a sua família), bem como os aditamentos de Malthus no seu «Essay on Population» de 1798 e os David Ricardo, em 1817, com a sua política de aferição de salários pelas leis da oferta e da procura. Toda esta política do «each for himself and the law of England for all» tomou entretanto corpo num pensamento filosófico aliado, o Utilitarismo de Jeremy Bentham. Em síntese breve, o entender as acções humanas motivadas pelo «self-interest» e este como o motor da riqueza comunitária; o medir as acções através dos seus resultados práticos e o substituir conceitos morais tradicionais como a consciência e a justi-

ça por factos concretos, eram as linhas mestras da filosofia utilitarista a quem, pelo menos, devemos a paternidade da Reform Bill de 1832 e da Poor Law de 34.

Completamente formado em 1830, o sistema económico da Inglaterra do séc. XIX apoiava-se, deste modo, nos ideários individualista e utilitarista, que a partir dessa altura são alvo de ataques de todos os lados. À expansão da burguesia respondiam agora os sectores da sociedade que mais tinham sofrido com o facto: a aristocracia, que numa reacção legalista procurava recuperar do colapso sofrido aquando do Reform Act, e o proletariado, mais vigorosamente, e que de tumulto em tumulto buscava melhores condições de vida. Era o período do Cartismo, efémero de dez anos.

No entanto, e no caso particular do «Hard Times», interessar-nos-á talvez mais o aspecto da oposição intelectual, um grande movimento de idealistas de várias definições e credos, desde Cobbett com a sua nostalgia idílica do antigo mundo rural, até Coleridge, a recusar-se a aceitar que a riqueza de um povo fosse a soma total dos seus recursos económicos. Carlyle terá desempenhado, porventura, o papel mais importante em todo o movimento de oposição ao racionalismo e ao individualismo, com uma receita dúbia de socialismo de Estado, aristocrata e cristão. Implacavelmente hostil aos princípios do «laissez-faire» e utilitaristas, via à sua volta todo um movimento de regeneração religiosa. O metodismo e a sua componente puritana tomavam conta de uma Inglaterra cujo Parlamento aquando da epidemia de cólera de 32 «decretava» um dia nacional de abstinência e orações. Se por um lado se continuava Coleridge, defendendo a imaginação e a instuição e denunciando a árida lógica do séc. XVIII e o ateísmo utilitarista, por outro, também a subida ao poder da rainha Vitória e da moral que a acompanhava ajudavam a modificar a imagem do país. Quase ao mesmo tempo, o Movimento de Oxford iniciava a defesa do sentimento e do misticismo. Uma vez mais a arte, e a poesia e a «paixão» eram aceites como meio de alcançar o divino, com uma produção poética de novo idealista e com Carlyle a denunciar os perigos absurdos do Byronismo.

E Dickens, perguntar-se-á? Pois Dickens, depois de também ele ter advogado em certa altura um regresso a velhos «Ways of life», numa representação de uma Inglaterra deslocada no tempo, aproximava-se cada vez mais de Carlyle, afastando-se dos ideais democráticos, do parlamentarismo, da violência da luta de classes, refugiando-se numa filosofia de espírito de Natal, a lembrar vagamente um socialismo cristão mas fazendo fé na justiça e na caridade nacional. Como Forster afirma em «The Life of Charles Dickens», «he had not made politics at any time a study, and they were always an instinct with him rather than a science».

«Hard Times» surge, deste modo, como uma amostra do idealismo de Dickens, ou, como uma tradução do pensamento erudito de Carlyle para uma linguagem mais acessível e representada dramaticamente, tradução essa naturalmente formulada, entenda-se, falseada, pelas condicionantes do próprio tradutor, entenda-se, romancista. Dedicado na sua 1ª publicação ao próprio Carlyle, o romance tomava, aliás, o tom emocional e o idealismo generoso de um período em que o Romantismo agonizante encontrava novas forças nas aspirações políticas e sociais.

Estruturalmente, «Hard Times» é bem um romance da época. Publicado em fascículos semanais no «Household Words» de 1 de Abril a 12 de Agosto de 1854, é notória a condensação e a seriação custosa dum obra que, inicialmente, e segundo os cânones vitorianos, apresentaria três divisões maiores, intituladas respectivamente «Sowing», «Reaping» e «Garnering». A necessidade de uma edição em fascículos é por si só quase suficiente para justificar as suas deficiências estruturais. Como afirma Walter Allen em «The English Novel», o único teste para o êxito era o próprio êxito, a assim, cada fascículo tinha de atingir um climax de «suspense» suficiente para levar o leitor a comprar o próximo número, e concorrendo para uma evidente subordinação da obra a pressupostos que não apenas os especificamente Literários.

Para além do mais, «a great entertainer» como o qualifica F. R. Leavis, Dickens moldava a sua obra ao gosto da sua audiência. Rachel e o casamento impossível, é bem o exemplo do melodramático vitoriano que tocava os corações e que tinha como exemplo próximo o par Jane/Rochester de Charlotte Brontë. Reflexos da tradição literária do período são-no também o triângulo amoroso não concretizado (ao gosto e tom da vigente moralidade puritana) entre Bounderby, Louise e Harthouse; o mistério da figura da mãe de Bounderby, a recordar o romance gótico dos finais do século anterior; e mesmo a caracterização do próprio Stephan Blackpool. Aliás, o desenvolvimento por Dickens da vítima como um personagem central é consequência, ao mesmo tempo, da história dos seus tempos, com todos os reflexos da Revolução Industrial, e da história literária, onde a vítima se assumira como tipo central a partir de Jane Austen, para, passando pelas Brontës, culminar no próprio Thomas Hardy. Reflexo ainda da época e na linha das expectativas literárias do período vitoriano e da mentalidade que o acompanhava, é o respeito de Dickens por certos tabus morais, expressos no seu recusar-se a um possível aprofundamento da relação Louise/Harthouse. O próprio último capítulo do romance, com Sissy Jupe premiada com um casamento congenial é bem exemplo do que Walter Allen qualifica de «a symbiotic relation with his public».

No entanto, talvez que o grande problema do «Hard Times» seja o do próprio realismo de Dickens — uma mistura de objectividade e romantismo, ou, no nosso entender, uma hiperdramatização do real, organizada ou não em termos simbólicos. Ao afirmarmos «Hard Times» como uma alegoria, apoiamos-nos na transformação que a obra faz de dados reais para simples concepções dramáticas de personagens-tipo e grupos referenciados. O romance necessita assim ser entendido naquilo que simbolicamente quer representar.

Gradgrind e Bounderby não são mais do que criações dramáticas dos defeitos maiores das filosofias a combater. Bounderby, o «mill-owner» que entendia as aspirações dos operários como meras ambições de «to be set up in a coach and six, and to be fed on turtle soup and venison, with a gold spoon» (1), não admitia abstrações e dirigia a viagem de núpcias para uma excursão de negócios, é a incarnação perfeita das doutrinas individualistas. Gradgrind, «a man of realities. A man of facts and calculations» (2), com dois filhos com os nomes apropriados de Adam Smith e Malthus, a personificação do utilitarismo, a quem, no entanto, Dickens concede a dúvida das boas intenções. Depois destes dois, o desfile dos defeitos menores do sistema: Mrs. Sparsit e a bajulação servil de uma aristocracia falida; Choakum'child ou os sistemas educacionais racionalistas que não admitiam papéis de parede com representações de cavalos porque «do you ever see horses walking up and down the sides of rooms in reality — in fact?» (3); e Slackbridge, o agitador demagógico a simbolizar o fosso (a não transparência) que para Dickens ia das pretensões dos trabalhadores até aos processos da luta efectiva.

Do outro lado, Stephan Blackpool, também ele mais uma criação poética do que o retrato de um trabalhador real, o ideal do operário-mártir pronto a perdoar todas as ofensas («I mak no charges» (4)) e mais uma vítima conjugal do que da opressão laboral: Sissy Jupe e os membros do circo, cultores do sentimento e da imaginação e que defendiam que «People must be amuthed, they can't be alwath a working, nor they can't be alwayth a learning» (5), num discurso em que o pormenor do bello adquire também um tom não-convencional. Que melhor exemplo da alegoria «romântica» de Dickens senão a vitória simbólica da vitalidade e da actividade lúdica do circo sobre a racionalidade dos Gradgrind e dos Bounderby, com os personagens do romance a aparecerem quais produtos da visão infantil do mundo dos adultos: uns, bons e exteriormente belos («the girl was so dark-eyed and dark-haired, that she seemed to receive a deeper and more lustrous colour from the sun» (6)), outros, maus e feios: (a great puffed head and such a strained skin that he seemed to hold his eyes open» (7)), sem diplomacias.

No entanto, aliada a este «romantismo» surge também uma boa dose de objectividade, ainda que, em certos casos, também ela emoldurada por uma linguagem senão poética, pelo menos, de evocação poética. São as descrições de Coketown, com a Natureza transformada pelo industrialismo e as suas «tall chimneys, out of which interminable serpents of smoke trailed themselves for ever and ever, and never god uncoiled» (8). O início dos cap. 5 e 10 do Livro I em que Dickens descreve a fisionomia da cidade e as condições de habitação, afasta-se pouco das descrições de Engels em «The Condition of the Working-Class in England in 1844», a não ser pela já referida linguagem eminentemente poética. Do mesmo modo, os efeitos da mecanização formulados por Dickens nos cap. 10 e 11 do mesmo Livro I, não andarão muito longe daqueles que Carlyle nos apresenta no seu «Signs of the Times», só que em «Hard Times» se prefere falar de «melancholy-mad elephants, polished and oiled for the day's monotony» (9). Em última análise, e como escreve Cazamian, Dickens conduz-nos através da paisagem industrial como turistas, comentando tudo sob um ponto de vista de um estranho não interessado em aprofundar fosse o que fosse sob pena de, tomando este ou aquele partido, negar a sua própria fé na harmonia das classes.

No entanto, apresentando o circo como símbolo de outro «way of life», derrotados Gradgrind e Bounderby, um outro episódio parece poder consubstanciar as insuficiências de Dickens, pelo menos no que diz respeito à sua incapacidade de se assumir como «a social novelist»; na verdade, a morte de Stephan Blackpool no cap. 6 do Livro III é demasiado sintomática para que, antes de terminar, não lhe dediquemos algumas linhas. É que como se não bastasse a passividade irritante com que Stephan suporta, feito mártir, os dissabores afectivos e laborais, as últimas palavras que o romance lhe dedica são bem mais uma imagem de derrota do que de vitória: «the star had shown him where to find the God of the poor; and through humility, and sorrow, and forgiveness, he had gone to his Redeemer's rest» (10).

Não querendo ir tão longe como aquele crítico que viu Blackpool como um «white man's black nigger», não deixamos de o reconhecer na filosofia de Natal de Dickens, na fé numa caridade nacional e num poético sentido de justiça da humanidade. Afinal, na declaração de incapacidade de uma sociedade que reservava para o divino a tarefa da instauração da ordem moral e socialmente justa.

Dickens escrevia o romance possível. «Hard Times» era apenas a sua réplica possível aos «blue books» de Gradgrind.

«To do unto others as I would that they should do unto me!» (11).

## NOTAS

0. Não pretendendo de modo algum constituir-se como uma análise definitiva ou mesmo aprofundada do romance em questão, deve este artigo ser entendido apenas como um equacionar de algumas questões, porventura a merecerem, num futuro, tratamento mais cuidado.
1. Charles Dickens, «Hard Times», Penguin English Library (ed. 1979), p. 109
2. Id., p. 48
3. Id., p. 51
4. Id., p. 291
5. Id., pp. 82/3
6. Id., p. 49
7. Id., p. 58
8. Id., p. 65
9. Id., p. 107
10. Id., p. 292
11. Id., p. 95

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- David Thomson, «England in the Nineteenth century», Pelican Books  
Walter Allen, «The English Novel», London, 1954  
Kathleen Tillotson, «Novels of Eighteen – Forties», Oxford, 1954  
Louis Cazamian, «The Social Novel in England: 1830/50», London, 1973  
Phillip Collins (ed.), «Dickens-The Critical Heritage», London, 1971  
David Craig, «Hard Times», (Introduction) Penguin 1979  
David Goldknopf, «The Life of the Novel», Chicago, 1972

